



## **Sobre o Ensino do Jornalismo de TV: Um Estudo de Recepção do Jornal da Globo feito com Acadêmicos do Curso de Jornalismo<sup>1</sup>**

Simone Martins<sup>2</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

### **RESUMO**

A proposta deste artigo é a de refletir acerca do ensino do telejornalismo. Nosso objetivo foi o de efetuar um estudo de recepção com graduandos de jornalismo tomando como base o estudo dos gêneros jornalísticos – informativo e opinativo – empregados na construção dos telejornais. Buscamos analisar, junto aos discentes, a compreensão destes acerca do processo de construção e edição de notícias, além de refletirmos sobre a disposição das matérias na montagem do espelho do telejornal. Como recorte para esta pesquisa, analisamos a edição veiculada no dia 24 de fevereiro de 2010 do *Jornal da Globo*, com ênfase para a reportagem de destaque da edição. Dessa forma, buscaremos identificar a compreensão – ou não – dos conceitos anteriormente trabalhados em sala de aula junto aos discentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Telejornalismo; *Jornal da Globo*; Informação; Opinião; Estudo de recepção.

Atualmente, a TV atinge praticamente todo o território brasileiro, e se consolida como a principal fonte de diversão e conhecimento para a maioria da população, ocupando papel de fundamental importância na formação da identidade nacional. Nesse sentido, ao lecionar sobre o jornalismo de televisão, entendemos que nosso objetivo principal consista, necessariamente, em proporcionar aos alunos uma reflexão crítica sobre o telejornal enquanto produto de comunicação, e ainda possibilitar a eles o real entendimento do jornalismo na TV.

### **Sobre o ensino de telejornalismo em faculdades particulares de Juiz de Fora**

Nossa proposta, desenvolvida em sala de aula, reiteramos, depende essencialmente de prestar aos alunos elementos que possibilitem a eles uma leitura crítica do produto telejornal, assim como um contato com os princípios básicos de produção deste tipo de programa. Nesse contexto, refletimos, junto aos discentes, os vários aspectos dos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado do DT 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, realizado de 13 a 15 de maio de 2010.

<sup>2</sup> Simone Martins é jornalista, radialista, pós-graduada em Comunicação e Gestão Empresarial (PUCMinas) e mestre em Comunicação (UFJF). Professora do Curso de Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACOM-UFJF), Faculdade Estácio de Sá-JF e da Universidade Presidente Antônio Carlos-JF, e docente da Especialização em Cinema, TV e Mídias Digitais, também oferecida pela FACOM-UFJF. Desenvolve pesquisa sobre TV e telejornalismo regional. [sitema@terra.com.br](mailto:sitema@terra.com.br)



componentes e peculiaridades das mensagens televisivas, assim como a estrutura narrativa utilizada em telejornalismo.

Nosso objetivo é o de fazer com que os acadêmicos analisem a informação contida nos textos e nas imagens em movimento, bem como as técnicas utilizadas na construção das notícias e reportagens, os recursos de edição para jornalismo de TV, assim como oferecer a eles noções sobre a redação de textos televisivos, fornecendo ferramentas para o entendimento da prática do jornalismo na mídia televisiva em seus diversos aspectos. Compartilhamos, ainda, da hipótese levantada por Guilherme Jorge de Rezende (2000, p. 156), de que não podemos estabelecer linhas de demarcação rígidas entre os gêneros jornalísticos.

Os gêneros opinativos não excluem o que seria próprio do informativo: o relato objetivo do fato, o dado bruto. Por outro lado, nas matérias informativas, a opinião, às vezes quando não explícita, subjaz implicitamente no decorrer de todas as filtragens que compõem o processo de produção jornalística: a elaboração da pauta, a copidescação, a edição de notícias, a angulação, inconsciente ou não, com que o jornalista vê o *acontecimento*. É possível, no entanto, detectar para que direção pende mais uma informação jornalística, para o informativo ou para o opinativo. [...] A intencionalidade e a estrutura do relato jornalístico funcionam como balizas para a classificação que se pretende adotar (REZENDE, 2000, p. 156).

Seguindo esta premissa, a metodologia utilizada com os discentes consiste em aulas expositivas e práticas com apoio de recursos audiovisuais para que possamos promover junto aos alunos uma análise crítica acerca do jornalismo de televisão. Dessa forma, após fornecer aos acadêmicos alguns conceitos sobre o jornalismo praticado em TV, promovemos, em seguida, discussões baseadas em leituras, imagens e telejornais previamente selecionados. Nesse sentido, julgamos importante utilizar como exemplo, para a confecção deste artigo, a análise de uma das edições veiculadas em sala. Inicialmente, nosso objetivo era o de analisar todas as notícias veiculadas pelo *Jornal da Globo* no dia 24 de Fevereiro de 2010, a fim de refletir acerca das discussões promovidas em sala de aula ao final das matérias apresentadas, assim como a forma como os alunos assimilavam o conteúdo exibido pelo noticiário. Todavia, uma das reportagens foi a que mais despertou o interesse e gerou discussão entre os acadêmicos do Curso. Optamos, dessa forma, por apresentar aqui apenas o resultado do estudo de recepção da referida matéria, além de destacar a opinião de alguns discentes no que diz respeito ao telejornal como um todo, e não mais efetuar um estudo acerca de todas as matérias veiculadas pelo noticiário, como inicialmente havíamos proposto. Nesse



contexto, cabe acrescentar que nosso objetivo foi o de promover a discussão – e avaliar a forma com que esta foi feita – no que diz respeito aos gêneros jornalísticos, “confrontando” informação e opinião em uma mesma reportagem.

### **Gêneros e formatos telejornalísticos**

Em *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*, Guilherme Jorge de Rezende (2000) explicita, de forma sensata, que não se pode, apenas, “transpor classificações afetas ao jornalismo impresso para o telejornalismo” (2000, p. 146). O autor acredita que, para a utilização de uma metodologia eficaz, seja necessário, primeiramente, considerar “as circunstâncias particulares que condicionam a incidência dos gêneros jornalísticos em telejornais” (REZENDE, 2000, p. 146). E acrescenta:

Desde já, todavia, cabe ressaltar que a classificação proposta, como qualquer outra que se venha a escolher, jamais consegue abarcar as nuances, os detalhes presentes nos gêneros jornalísticos. Nem sempre, para não dizer quase nunca, matérias julgadas pertencentes a um determinado gênero apresentam características totalmente semelhantes. Feitas todas essas ponderações, propõe-se uma classificação que compreende apenas dois gêneros jornalísticos: o jornalismo *informativo* e o *opinativo*, peculiares ao telejornalismo. Apesar de reconhecer a existência dos gêneros *interpretativo* e *diversional*, [...] elas estão presentes em outras modalidades de programas jornalísticos de TV, tais como os documentários, a exemplo do *Globo Repórter* ou do *SBT Repórter*, e nas revistas televisivas, tal como o *Fantástico*, em que a notícia se alterna com números musicais e dramatizações. (REZENDE, 2000, p. 156).

No livro *A opinião no jornalismo brasileiro*, José Marques de Melo (1985) entende que, no gênero informativo, as informações são estruturadas tendo por base “um referencial exterior à instituição jornalística: sua expressão depende diretamente da eclosão e evolução dos acontecimentos e da relação que os mediadores profissionais (jornalistas) estabelecem em relação aos seus protagonistas (personalidades ou organizações)” (MARQUES DE MELO, 1985, p. 48). Já no que diz respeito à categoria opinativa, Marques de Melo (1985) observa que “a estrutura da mensagem é co-determinada por variáveis controladas pela instituição jornalística e que assumem duas feições: autoria (quem emite a opinião) e angulação (perspectiva temporal ou especial que dá sentido à opinião)” (1985, p. 48).

Todavia, como já anteriormente destacamos, corroboramos com a crença de Rezende (2000) de que um telejornal com características informativas assume, frequentemente, qualidades do gênero opinativo em seu curso. Nesse sentido, entendemos que o



jornalismo de opinião pode ser exercitado através da utilização detalhada de dados (caracteres, mapas, ilustrações e animações, dentre outros) na construção das matérias e ainda disponibilizar de imagens e fontes para informação nas matérias com o objetivo de referendar a opinião do noticiário ao posicionar-se a respeito de algum tema.

### **Sobre o jornalismo de TV e o processo de construção das notícias**

Martín-Barbero e Rey (2004) destacam que as informações veiculadas nos meios de comunicação de massa, especificamente na televisão, mais do que refletir, são capazes de influenciar a sociedade e a nossa própria consciência de mundo. Nesse sentido, os autores propõem uma análise que valorize a reflexão sobre a qualidade da informação transmitida pelos programas televisivos e suas repercussões sociais, culturais, políticas, ideológicas, econômicas, sociológicas e antropológicas, dentre outras. Dominique Wolton (2006) ainda observa que a televisão é construtora de laços sociais, o que implica diretamente no seu poder de unir (ou separar) grupos e pessoas. O autor acredita que a TV seja “um formidável instrumento de comunicação entre os indivíduos”, acrescentando que o veículo funciona como um “objeto de conversação” (WOLTON, 2006, p.16).

E os fatos, veiculados na telinha da TV, serão os discursos do público, agendados pelo telejornal. Pereira Jr. (2003, p. 11) destaca que o jornalismo exerce um poder de influência tão grande na sociedade que é possível não apenas agendar os seus discursos, mas também mobilizar movimentos sociais. Além disso, o autor observa que a televisão tem um papel de destaque no cotidiano das pessoas, seja como entretenimento ou informação. O autor pondera que, “para a maioria das pessoas, os telejornais são a primeira informação que elas recebem do mundo que as cerca. (...) Os noticiários televisivos ocupam papel relevante na imagem que elas constroem da realidade” (PEREIRA JR., 2003, p. 12).

Partimos do pressuposto de que é notório que o jornalismo e, mais ainda, o telejornalismo, exercem influência sobre todo o organismo social. Entretanto, acreditamos que a sociedade tenha o poder de distinguir e legitimar (na maioria das vezes, quando analisa criticamente o que é veiculado) as informações que lhe são oferecidas. No entanto, se o jornalismo assume a postura da imparcialidade e da objetividade, o público vai assimilar as informações como uma verdade factual, e não intencional. Wolton (2006, p.15) observa que o telespectador é também o cidadão e,



portanto, merece ser respeitado como tal: “Se acreditamos que o público da televisão é influenciável e manipulável, é preciso admitir que o cidadão também o é”.

### **Sobre a Rede Globo de Televisão e a Central Globo de Jornalismo**

A Rede Globo de Televisão foi inaugurada em abril de 1965, com o financiamento do grupo empresarial norte-americano Time-Life. Atualmente é a quarta maior rede de televisão privada do mundo, dominando o mercado audiovisual no Brasil com 80% da audiência nacional (PEREIRA Jr, 2003, p. 35).

Sobre os significados da empresa no contexto brasileiro, Bucci e Kehl (2004) observam que a Globo mantém uma presença extraordinária na vida dos brasileiros, além de deter um poder elevado. Os autores ponderam, ainda, que a emissora é mediadora do espaço público<sup>3</sup> nacional, exercendo uma centralidade hegemônica. Nesse contexto, entendem que seja por meio de suas telenovelas e telejornais que “a nacionalidade se reconhece e se reelabora” (BUCCI e KEHL, 2004, p. 233).

O telejornalismo na Rede Globo de Televisão surgiu junto ao próprio nascimento da emissora, em abril de 1965. Nesta época, o jornal era regionalizado, embora tenha feito coberturas importantes: “a enchente no Rio de Janeiro em 1966, o lançamento da Apollo 9 e a chegada do homem à Lua” (MEMÓRIA GLOBO, 2005, p. 17). Junto com a inauguração da emissora foi ao ar o *Tele Globo*. Todavia, a expansão do jornalismo da TV Globo teve início em setembro de 1966, com Armando Nogueira assumindo a direção do departamento e ampliando-o. O diretor foi um dos responsáveis por criar o primeiro telejornal exibido em rede nacional, o *Jornal Nacional*, que estreou em setembro de 1969. Diariamente, a Central Globo de Jornalismo (CGJ) exibe quatro telejornais multitemáticos em rede nacional: *Bom dia Brasil*, *Jornal Hoje*, *Jornal Nacional* e *Jornal da Globo*, nosso recorte para análise junto aos discentes, além de outros programas jornalísticos, mas que não são caracterizados como telejornais (REZENDE, 2000, p. 169-170).

### **Sobre o Jornal da Globo e a edição veiculada em 24.02.2010**

Último noticiário apresentado diariamente pela Rede Globo de Televisão, o *Jornal da Globo* já teve duas versões: a primeira delas foi ao ar entre 1967 e 1969, e consistia em

---

<sup>3</sup> O espaço público ou esfera pública é um espaço comunicacional. De acordo com os autores, os sujeitos debatem em um “espaço social gerado pela comunicação”, com a presença do inconsciente. (BUCCI e KEHL, 2004, p.232-233)



um “informativo basicamente apoiado em manchetes”<sup>4</sup>. Já a segunda versão do telejornal estreou em abril de 1979. Apresentado por Sérgio Chapelin, “o novo telejornal era marcado pela diversidade de gêneros, conciliando reportagens, análises, séries e entrevistas ao vivo”<sup>5</sup>. Todavia,

em março de 1981, o *Jornal da Globo* foi substituído pelo *Jornal Nacional 2a Edição*, só retornando à programação em agosto do ano seguinte (...). Política, economia e cultura eram os principais assuntos abordados nessa nova fase do jornal, que passou a ser apresentado às 23h15. O telejornal privilegiava a análise mais apurada da notícia, com espaço para comentários e matérias mais elaboradas que aprofundavam a informação<sup>6</sup>.

De acordo com o *site* Memória Globo<sup>7</sup>, desde 2005 o telejornal passou a ser ancorado pela dupla de jornalistas William Waack e Christiane Pelajo, e a contar com Carlos Alberto Sardenberg e Arnaldo Jabour como colunistas fixos, e Heraldo Pereira como comentarista político, dentre outros profissionais<sup>8</sup>.

### **A teoria em prática: a discussão do *Jornal da Globo* em sala de aula**

Reiteramos que, a fim de validar nosso estudo, efetuamos um estudo de recepção em sala de aula com alunos das disciplinas Laboratório de Telejornalismo I e II<sup>9</sup> – matriculados no Curso de Jornalismo de uma Instituição de Ensino Superior particular de Juiz de Fora – a partir de um recorte da edição do *Jornal da Globo* veiculada no dia 24 de Fevereiro de 2010. Nosso objetivo era o de refletir, junto aos alunos, acerca dos critérios de noticiabilidade empregados na construção do noticiário, e ainda o de avaliar se aquele universo de pessoas conseguia compreender as notícias apresentadas, e também “inserir-las” em uma das categorias ‘informativa ou opinativa’, de acordo com os critérios conceituais anteriormente explicados em sala (e explicitados neste trabalho) acerca dos gêneros telejornalísticos<sup>10</sup>.

---

<sup>4</sup> Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-236477,00.html>. Acesso em 30.03.2010.

<sup>5</sup> Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-237493,00.html>. Acesso em 01.04.2010.

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com>. Acesso em 01.04.2010.

<sup>8</sup> O programa é veiculado após a faixa de filmes, shows, séries e futebol da emissora, e tem o objetivo de apresentar as últimas notícias da noite, assim como aprofundar a cobertura dos acontecimentos que foram destaque ao longo do dia no Brasil e no mundo, além de mostrar fatos importantes que acontecerão, e possivelmente merecerão destaque nos telejornais do dia seguinte.

<sup>9</sup> Ao todo, 45 alunos participaram do estudo de recepção, realizado no dia 09 de março de 2010.

<sup>10</sup> Todavia, durante a exibição do noticiário, percebemos que os discentes discutiram mais acerca de uma única matéria que, além de ter sido tema da reportagem, também foram destacadas tanto no editorial quanto na crônica veiculadas naquela edição do telejornal.



Nesse contexto, cabe ressaltar que, a fim de validar o “recorte” que fizemos para o estudo de recepção do *Jornal da Globo*, compartilhamos da hipótese levantada por Pereira Jr. (2003, p. 64), de que a notícia seja uma concepção de realidade, representando maneiras de “ver, perceber e conceber a realidade”, e assim traçando um panorama das significações do mundo e do organismo social. Dessa forma, sua importância como informação deve ser considerada determinante na contemporaneidade. Nesse sentido, o autor pondera que “estabelece-se um conjunto de critérios de relevância que definem (...) a sua capacidade para ser transformada em notícia” (PEREIRA JR., 2003, p. 81).

Deste modo, apesar de os discentes assistirem – e refletirem, mesmo que muitas vezes de forma dispersa – a todo o noticiário, reiteramos nossa opção por analisar minuciosamente apenas a matéria que mais lhes chamou a atenção. Ainda assim, decidimos descrever de que forma o espelho do telejornal foi construído<sup>11</sup>. Julgamos importante destacar, ainda, que apesar da bancada do *Jornal da Globo* ser composta pelos jornalistas William Waack e Christiane Pelajo, na edição utilizada como recorte para análise, apenas um dos apresentadores conduziu o noticiário, William Waack.

Consideramos de fundamental importância destacar, sobretudo, que o *Jornal da Globo* possui uma peculiaridade em relação aos demais noticiários exibidos pelas emissoras de TV de sinal aberto brasileiras. Tal especificidade consiste no fato de que o telejornal é o único a iniciar a sua transmissão com um editorial. Apenas após a “opinião” apresentada neste, que julgamos ser a que os editores consideram fazer parte da informação mais importante daquela edição, é que a escalada vai ao ar para, depois da vinheta, o noticiário ser conduzido da mesma maneira que os demais. Dito de outra forma, apenas após expressar uma opinião que, a nosso ver, emprega juízo de valor acerca de algum fato importante – na visão da linha editorial do noticiário, destacamos – e fazer a leitura das manchetes para posterior entrada da vinheta do telejornal, é que o noticiário tem início, mesclando os recursos típicos de seu formato: o apresentador faz a cabeça das matérias e chama os VT’s das notícias e reportagens, assim como faz a leitura das notas secas e cobertas, dentre outros.

Nesse contexto, e confirmando o que havíamos proposto anteriormente, decidimos apresentar a ordenação do espelho na edição do dia 24 de fevereiro. Reiteramos que, como característica própria do noticiário, o *Jornal da Globo* teve início com um

---

<sup>11</sup> Partimos do pressuposto de que o espelho de um telejornal seja elaborado a partir dos critérios de relevância atribuídos pela linha editorial deste para cada uma das notícias apresentadas.



editorial<sup>12</sup> abordando a morte de um dissidente cubano, “agredindo princípios universais de direitos humanos”, ao mesmo tempo em que Lula desembarcava no país sem se pronunciar acerca do acontecido. Em seguida, William Waack apresentou as manchetes daquela edição.

Logo após a vinheta do noticiário, a primeira reportagem alertava, a partir de um estudo realizado pela Organização das Nações Unidas, para o uso abusivo de medicamentos controlados que, segundo a ONU, já ultrapassa o consumo mundial de heroína, ecstasy e cocaína juntos. Terminada a reportagem, o apresentador faz o gancho, por meio de uma nota pé, para a notícia a seguir, na qual a repórter Lília Teles, de Nova Iorque, confirmava a informação divulgada na matéria anterior, acrescentando dados<sup>13</sup> que mostravam as tendências do narcotráfico, como uma espécie de mapa atual do consumo e do tráfico de drogas nos continentes.

A terceira matéria dizia respeito à revisão feita pela justiça do estado do Rio de Janeiro, que havia incluído um dos assassinos do menino João Hélio em um programa de proteção à criança e ao adolescente. Julgamos importante acrescentar que, nesta notícia, apesar de, em tese, a nova decisão ter sido desfavorável ao condenado, identificamos um tom de ironia e desaprovação do repórter no que tange à legislação criminal brasileira, presentes em sua passagem<sup>14</sup>, ao explicar a mudança na decisão da sentença. Em seguida, William Waack pondera que o “escândalo do mensalão do Democratas de Brasília está atrapalhando os 50 anos da festa da Capital Federal”<sup>15</sup>. Em seguida, o apresentador dá um gancho para a nota seca ao informar a decisão do Supremo Tribunal Federal de adiar o pedido de *Habeas Corpus* feito pelos advogados do governador

---

<sup>12</sup> “BOA NOITE! PARA OS ADMIRADORES E PROS ADVERSÁRIOS DE FIDEL CASTRO, A CARA DELE – FOTOGRAFADA HOJE – É UMA SOMBRA DE SI MESMO. É TAMBÉM A CARA DE UM REGIME ULTRAPASSADO, MAS ESSE É UM PROBLEMA PROS PRÓPRIOS CUBANOS RESOLVEREM. MAS, AO CONTINUAR PRENDENDO PESSOAS PELO DELITO DE OPINIÃO – E UMA DELAS MORREU QUANDO LULA CHEGAVA LÁ, A CUBA – A DITADURA CUBANA AGRIDE PRINCÍPIOS UNIVERSAIS DE DIREITOS HUMANOS. E, NESSE CASO, O GOVERNO BRASILEIRO, AO SE CALAR, CONSENTE”. Editorial lido por William Waack na abertura da edição de 24.02.2010 do Jornal da Globo.

<sup>13</sup> Os dados acrescentados pela repórter referiam-se a um relatório anual feito pelo Departamento Internacional de Controle de Narcóticos.

<sup>14</sup> “A DECISÃO TIRA A PROTEÇÃO ESPECIAL DADA A EZEQUIEL TOLEDO DA SILVA PARA ELE FICAR EM LIBERDADE, E COM SEGURANÇA. MESMO ASSIM, PROCURA PRESERVAR A INTEGRIDADE FÍSICA DELE. ELE SERÁ MANDADO PARA UM ABRIGO, NO INTERIOR DO ESTADO, LONGE DA CAPITAL E EM LOCAL MANTIDO EM SIGILO. FICARÁ POR, NO MÁXIMO, 2 ANOS, NO CHAMADO REGIME DE SEMI-LIBERDADE E PODERÁ AINDA PASSAR OS DIAS NA RUA SE COMPROVAR QUE CONSEGUIU TRABALHO OU SE FOR PARA ESTUDAR. É O QUE DIZ A LEI!” Passagem de André Luiz Azevedo na terceira matéria veiculada pelo Jornal da Globo.

<sup>15</sup> No VT da matéria, o repórter Fábio William contextualiza o fato e, em sua passagem, explica que “nos bastidores, pessoas ligadas à organização da festa admitem: está difícil fechar novos shows depois do escândalo”.





afastado do Distrito Federal, José Roberto Arruda. Para finalizar o primeiro bloco de notícias, o âncora chama um flash cujo tema referia-se a torcedores “fora de casa”<sup>16</sup>.

A segunda parte do telejornal começa com uma notícia que chama a atenção para a violência flagrada por câmeras de segurança em uma das rodovias mais movimentadas do Rio Grande do Sul. Em seguida, o jornal aborda a prisão de um suspeito de estuprar e matar cinco mulheres na região metropolitana de Belo Horizonte. Já na última matéria do segundo bloco, William Waack, na bancada, apresenta uma nota coberta por imagens divulgadas pela lotérica de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, comprovando que a aposta ganhadora da Mega-sena realmente não havia sido feita. Entra nova passagem de bloco, convidando os telespectadores para as notícias de destaque, com ênfase para a matéria sobre a visita do Presidente Lula a Cuba no dia da morte de um dissidente em greve de fome.

Depois do intervalo, a reportagem veiculada foi a que julgamos ser a mais importante da edição. Já na cabeça da matéria, o apresentador afirma que “o Presidente Lula disse que não se encontrou com dissidentes cubanos porque eles não pediram”, e acrescentou que a fala do governante aconteceu um dia após a morte de um dissidente, que ficou oitenta e cinco dias em greve de fome<sup>17</sup>. No primeiro *off* da matéria, a repórter retrata a história do dissidente morto, utilizando-o como um personagem para contextualizar a ditadura cubana e divulgar a existência de mais de 200 presos políticos em Cuba, segundo ela de acordo com dados da Anistia Internacional.

Em seguida, Cláudia Bomtempo (repórter que cobria a matéria) cita a iniciativa do Presidente Raúl Castro em falar com os jornalistas quando visitava um porto acompanhado do Presidente Lula<sup>18</sup>. Logo após, a repórter informou que Lula também havia se encontrado com Fidel Castro, na casa onde o ex-presidente mora, criando um gancho para a sua passagem<sup>19</sup> e a respectiva resposta<sup>20</sup> do Presidente brasileiro, que

---

<sup>16</sup> Dessa forma, Roberto Paiva fez uma entrevista, em São Paulo, com torcedores flamenguistas que assistiram ao jogo do seu time no Maracanã, e faz uma ponte com o jornalista Marcos Uchôa, no Rio de Janeiro, que acompanhou a torcida Corinthiana durante a estréia do time na Taça Libertadores da América, em São Paulo.

<sup>17</sup> Julgamos válido reiterar que acreditamos que esta tenha sido a matéria mais importante da edição analisada porque, além de a emissora haver se pronunciado acerca do tema no editorial, da postura do âncora ao fazer a cabeça ter apresentado “discordância” no que diz respeito à atitude de Lula (e do regime ditatorial cubano, acrescentamos), esse ainda foi o assunto da crônica elaborada por Arnaldo Jabour naquele dia.

<sup>18</sup> *OFF DA REPÓRTER*: “DURANTE UMA VISITA A UM PORTO, ACOMPANHADO DO PRESIDENTE LULA, RAÚL CASTRO TOMOU A INICIATIVA DE FALAR COM OS JORNALISTAS (*IMAGENS DE RAÚL CASTRO COM OUTROS MEMBROS DO GOVERNO E AO LADO DE LULA, QUE SORRI – SOM AMBIENTE – E TRADIÇÃO DA REPÓRTER*): ‘VOCÊS QUEREM FAZER PERGUNTAS? JÁ IMAGINO A PRIMEIRA; A PRIMEIRA, SABEM QUAL É? O HOMEM QUE MORREU EM GREVE DE FOME’. RAÚL RESPONSABILIZOU OS ESTADOS UNIDOS PELA MORTE DO DISSIDENTE, E DISSE QUE O GOVERNO CUBANO LAMENTAVA O QUE ACONTECEU”.

<sup>19</sup> CLÁUDIA BOMTEMPO (HAVANA) “A MORTE DE ZAPATA CRIA UM CONSTRANGIMENTO PARA O BRASIL. UM GRUPO DE DISSIDENTES PRETENDIA SE ENCONTRAR COM O PRESIDENTE LULA E



encerra a matéria sem sequer citar o regime ditatorial cubano, o que, a nosso ver, é a principal crítica abordada na crônica<sup>21</sup> que dá seqüência ao noticiário.

Após a crônica, Waack “muda de assunto” e informa – em uma nota coberta – que a General Motors anunciou o fim da marca Hummer, que “agora vai para um museu”. Em seguida, o âncora convida os telespectadores para as notícias do próximo bloco.

O quinto bloco do noticiário tem início com a informação de que a Arquidiocese do Rio de Janeiro quer ser indenizada pela destruição do Cristo Redentor no filme americano 2012 – “não pelo pagamento de uso da imagem, mas pelo uso indevido”, de acordo com o departamento jurídico da Arquidiocese –, da distribuidora do filme, a Columbia Pictures. A matéria também dá voz a vários cidadãos que se posicionaram contra a decisão da Arquidiocese do Rio de Janeiro.

Entra, logo depois, uma nota coberta esclarecendo que uma obra autêntica de Van Gogh havia sido descoberta no acervo de um colecionador que, segundo um jornal espanhol, havia passado a vida toda dizendo que possuía um Van Gogh, mas ninguém o levava a sério. Depois da nota coberta, entra nota seca com a informação de que o Banco Central vai ampliar o recolhimento do depósito compulsório e, logo após, uma nova passagem de bloco.

Já na última parte do noticiário, William Waack fala sobre os destaques do futebol daquela noite, e inicia um “bate papo” sobre futebol com os ex-jogadores Marcelinho

---

PEDIR QUE ELE INTERCEDESSE EM FAVOR DA LIBERTAÇÃO DE PRESOS POLÍTICOS. HOJE, O PRESIDENTE LAMENTOU A MORTE DE ZAPATA, E DISSE QUE NÃO RECEBEU NENHUM PEDIDO DE ENCONTRO”.

<sup>20</sup>LULA (PRESIDENTE DO BRASIL): “EU NÃO RECEBI NENHUMA CARTA. AS PESSOAS PRECISAM PARAR COM O HÁBITO DE FAZEREM CARTAS, GUARDAREM PARA SI, E DEPOIS DIZEREM QUE MANDARAM PROS OUTROS. SE ELES TIVESSEM PEDIDO PRA MIM CONVERSAREM COMIGO, EU TERIA CONVERSADO COM ELES, COMO EU ACHO QUE QUALQUER PRESIDENTE TERIA CONVERSADO COM ELES. SE ESSAS PESSOAS TIVESSEM FALADO COMIGO ONTEM, EU TERIA PEDIDO PARA ELES PARAREM A GREVE DE FOME, E QUEM SABE TERIA EVITADO QUE ELES MORRESSEM. DE FORMA QUE EU LAMENTO, LAMENTO PROFUNDAMENTE, QUE UMA PESSOA SE DEIXE MORRER POR UMA GREVE DE FOME”

<sup>21</sup>CRÔNICA – ARNALDO JABOR: “OS FATOS, AGORA, PODEM SER MANEJADOS, TIRADOS DA CARTOLA, JOGADOS NO LIXO. AS PALAVRAS HOJE SERVEM PRA SOTERRAR OS SENTIDOS. RAÚL CASTRO, VELHO FASCISTA CUBANO, DISSE QUE A CULPA PELA MORTE DO ZAPATEIRO ZAPATA É DOS ESTADOS UNIDOS. É, O PRISIONEIRO MORREU POR CULPA DOS AMERICANOS, E NÃO PELA REPRESSÃO CUBANA, QUE LOGO, LOGO IMPEDIU NA BASE DA PORRADA PROTESTOS CONTRA A SUA MORTE, EM CUBA. AÍ, LULA, QUE É ESPECIALISTA EM TRANSFORMAR PALAVRAS EM FATOS, E OCULTAR FATOS COM PALAVRAS, EMENDOU DE BATE E PRONTO: ‘AS PESSOAS PRECISAM PARAR DE FAZEREM CARTAS E DEPOIS DIZEREM QUE MANDARAM. SE TIVESSEM PEDIDO PRA MIM PARA CONVERSAR, EU TERIA CONVERSADO’. EM SEGUIDA ELE RECLAMA DO MORTO DIZENDO QUE ELE DEVERIA TER PROTOCOLADO A CARTA. IMAGINEM O CARA, MORRENDO, E PROTOCOLANDO A CARTA PRO LULA. DEPOIS FALOU: ‘EU LAMENTO QUE UMA PESSOA SE DEIXE MORRER POR UMA GREVE DE FOME’!?! AÍ FICA DIFÍCIL: QUER DIZER QUE O MORTO DE FOME, ALÉM DE SER ASSASSINADO PELOS ESTADOS UNIDOS, MENTIU PRO LULA, QUE TINHA MANDADO CARTA SEM PROTOCOLO E, TAMBÉM, SUJEITO RELAXADO ESSE ZAPATEIRO: SE DEIXOU MORRER. QUE COMENTÁRIO PODE SER FEITO SOBRE ISSO? QUE A REALIDADE, É FALSA. SÓ AS VERSÕES MENTROSAS, OU DEMAGÓGICAS, SÃO VERDADEIRAS”.



Carioca e Caio Ribeiro. Finalmente, divulga os números sorteados naquele dia na Mega-sena e diz que não houve ganhador. Dessa forma, o âncora encerra o telejornal, convidando os telespectadores para assistir ao programa que vai ao ar a seguir de acordo com a grade de programação da emissora.

### **Sobre as reflexões acerca do *Jornal da Globo* e da “principal” notícia veiculada**

Ao final do estudo de recepção, percebemos que alguns discentes possuem argumentos conflitantes no que tange tanto à definição do telejornal (como pertencente ao gênero informativo ou opinativo) quando à reportagem minuciosamente discutida em sala de aula. Por outro lado, outros já conseguem analisá-lo criteriosamente, assumindo uma postura crítica tanto na análise do telejornal quanto na reportagem escolhida.

Nesse sentido, a fim de divulgar as reflexões – e explicitar o resultado da análise feita pelos acadêmicos – acerca do estudo de recepção proposto, julgamos imprescindível descrever algumas das observações feitas pelos alunos ao longo da atividade<sup>22</sup>.

Percebemos claramente que diversos discentes não estão aptos a analisar criticamente uma informação, atribuindo a ela uma imparcialidade utópica. Outras tantas vezes, os alunos tampouco conseguem perceber a diferença – evidente – entre os gêneros telejornalísticos. Esse é o caso de uma das alunas que explicou, de forma paradoxal, que “já na abertura, William Waack falou o editorial e, referindo-se à visita de Lula a Cuba, o jornal foi imparcial, parecendo que Lula aceitou a morte do cubano ao não se posicionar sobre o assunto”. Todavia, outro discente manifestou-se de forma um pouco mais ponderada ao constatar ter sido “possível ver um exemplo de um jornalismo que consegue permanecer imparcial e informativo a maior parte do tempo, mas com momentos em que é possível perceber um tratamento claramente tendencioso para determinados temas”. Outra discente, contudo, apresentou uma reflexão desconexa ao tratar do assunto:

na reportagem sobre a visita de Lula a Cuba, a notícia foi totalmente tendenciosa, pois o repórter se posicionou contra a atitude de Lula, assim como na crônica feita por Jabour, que faz uma ligação de assuntos diferentes para criticar a atitude de Lula diante da greve de fome de um líder que morreu.

Outros dois exemplos evidentes da falta de uma argumentação crítica – coerente e consistente, acrescentamos – acerca da matéria foram apresentados da seguinte forma:

---

<sup>22</sup> A fim de preservar a identidade (e uma possível retaliação) dos alunos que participaram do estudo de recepção, optamos por não divulgar o nome – e tampouco o período – dos acadêmicos que tiveram sua opinião explicitada aqui.



*Aluno 1:* O Jornal da Globo, de caráter informativo, mas muitas vezes opinativo, inicia suas chamadas de forma muito atraente e convidativa ao telespectador. (...) Seguido da matéria sobre o encontro de Lula com Fidel Castro, a crônica de Arnaldo Jabour critica a morte de um dissidente em Cuba e, como sempre, acaba mesclando na crônica fatos do Brasil e atitudes de Lula.

*Aluno 2:* Já na matéria sobre a visita do presidente Lula a Cuba, a emissora deu um foco que não se encaixou no contexto, quis passar que o presidente tem uma grande parcela de culpa em relação à morte de um dissidente que estava fazendo greve de fome há algum tempo. Fizeram dessa matéria uma extensão do editorial pronunciado por William Waack na abertura do telejornal. Editorial esse que demonstrou claramente a posição contrária da emissora em relação às atitudes do presidente em Cuba, e quis passar também que tais atitudes trazem constrangimento e desconforto para o país quando, na verdade, o que Lula disse ou fez representa uma parcela mínima da responsabilidade perante o fato acontecido. Na sua crônica, Arnaldo Jabour criticou tudo o que foi tratado na matéria da visita de Lula a Cuba. De maneira sarcástica, fala desse assunto sério, faz um ‘jogo’ assim como os Estados Unidos colocam a responsabilidade em Cuba e vice-versa e o nosso presidente, como a mídia sempre busca frisar, diz suas frases sem sentido.

Um dos participantes assumiu postura contrária no que tange ao enfoque dado pela linha editorial do *Jornal da Globo* à matéria, menosprezando os dissidentes cubanos e a luta destes pelo fim do regime ditatorial existente no país. O aluno argumenta que “não precisava ter colocado o presidente Lula naquela ‘saia justa’ pela morte do grevista cubano. Assim como o Brasil, Cuba também tem vários problemas e, pelo que sabemos, não faz tanta questão de solucioná-los”. Já em outros casos, o entendimento torna-se comprometido em função da falta de coerência na construção do texto:

O jornal começa com um editorial sobre Fidel Castro e a visita do Presidente Lula. O âncora deixou claro o posicionamento do veículo, mas foi tendencioso no comentário. (...) “A visita de Lula a Cuba”, dando gancho na matéria: Lula estava lá e não ficou sabendo da morte com a história do preso político que fez greve de fome e morreu. Foi tendenciosa, pois se posicionava contra a atitude do Presidente brasileiro. A crônica de Jabour relata com maestria as gafes de Lula em visita a Cuba e o posicionamento do governo cubano em relação ao assunto.

Por outro lado, outra parcela de alunos assumiu uma postura crítica de forma clara, o que torna evidente que muitos deles identificam – e principalmente sabem discernir – informação de opinião, posicionando-se de forma sensata no que diz respeito ao estudo de recepção proposto. De acordo com um dos acadêmicos,

em geral, boa parte das matérias, reportagens e notas cobertas foram apresentadas de maneira profissional e imparcial; as exceções notáveis foram um notícia sobre violência civil (em que o repórter afirmou de maneira



tendenciosa que a lei estava sendo cumprida), a reportagem sobre a visita de Lula à Cuba (que, além de um tom de desaprovação ao governo cubano e ao presidente brasileiro, foi seguida de uma crônica sarcástica sobre o acontecimento).

Felizmente, não foram poucos os que criticaram – de forma coerente – o telejornal. Uma das alunas ponderou que “em muitas matérias e reportagens existe a opinião do repórter, de forma explícita ou não. Portanto, o JG é um jornal opinativo. Muitas de suas reportagens são tendenciosas, fazendo com que o telespectador acredite no que ‘eles’ estão mostrando, com ‘seus’ próprios pontos de vista”.

Alguns acadêmicos ainda apresentaram outras análises de forma criteriosa e empenhada, avaliando o jornal como um todo e manifestando a sua opinião – consistente – acerca do que havia sido divulgado.

A primeira inserção opinativa no telejornal é no editorial, apresentado pelo âncora, a respeito da visita do presidente Lula à Cuba e do não posicionamento deste a respeito da morte de um preso político cubano. Conseguimos perceber facilmente a posição crítica da emissora em relação à atitude do presidente de não comentar sobre a morte do preso político por greve de fome. Ainda no primeiro bloco, o repórter André Luiz Azevedo, na notícia sobre a revisão da pena do acusado pela morte do menino João Hélio, ao informar que o preso será transferido e, segundo legislação prisional brasileira, caso estiver estudando ou trabalhando poderá cumprir regime semi-aberto, utiliza-se de uma entonação que deixa clara sua posição contrária a essa brecha assegurada pela lei. Já o terceiro bloco do telejornal começa com a notícia da visita do presidente Lula a Cuba, utilizada no editorial, e mais uma vez crítica a atitude do governante. A reportagem conta a história do prisioneiro e contextualiza o telespectador, priorizando a morte do dissidente. Em seguida, a crônica de Arnaldo Jabour ironiza a postura do presidente Raúl Castro em culpar os Estados Unidos pela morte do preso e pela atitude de Lula diante do acontecido. O texto é crítico e percebemos a sátira de Jabour no trecho: ‘em seguida, ele “reclama” do morto, dizendo que ele devia ter protocolado a carta. Imaginem o cara morrendo e protocolando a carta’.

Outra crítica capaz de despertar o interesse relata que “o noticiário já começa com um editorial, referente à ida do presidente brasileiro a Cuba. Assunto esse que, além de fazer parte do editorial, teve uma reportagem feita de forma tendenciosa em relação à postura dita democrática de Lula, que se calou diante do sistema ditatorial de Fidel”. De todo modo, entendemos que seja relevante destacar, ainda, outras considerações, feitas de forma ponderada e criteriosa, a nosso ver, acerca do *Jornal da Globo*:

*Aluno 3:* Considerando as características de outros telejornais das Organizações Globo, percebo que o Jornal da Globo tem um caráter mais opinativo, explícito logo no início do telejornal pelo editorial feito por William Waack e pelos comentários enfáticos e incisivos de Arnaldo Jabour após uma das notícias. É fato que o jornal, apresentado por Waack, possui um público mais seletivo. (...)



Um telejornal que tem um editorial em sua abertura, em uma TV aberta, revela que seus telespectadores possuem conhecimento e, o mais importante, entendimento prévio de alguns assuntos propostos. O âncora mostra com mais clareza a ideologia da empresa do que os apresentadores de outros telejornais. Além das palavras, William Waack exprime sutilmente sua opinião através de suas expressões faciais, com sorriso ou um olhar mais sério. (...) É inquestionável que este telejornal, assim como outros, é estruturado com exímio talento e destreza. Os recursos tecnológicos são infinitos. Cada notícia fica, estrategicamente, em um ponto. Não falta competência para os seus jornalistas. Dessa forma, talvez o *Jornal da Globo* seja o verdadeiro porta-voz das opiniões e pensamentos da direção da emissora: a família Marinho e seus discípulos.

*Aluno 4:* Nota-se que o apresentador chama as matérias sempre de um jeito que transparece sua opinião ou reação diante dos fatos. Como na matéria do encontro do presidente Lula com Fidel Castro e seu irmão, no qual Lula aparece sorridente e descontraído ao lado do ditador, mesmo diante de uma situação tão séria como a morte de um homem após ter feito greve de fome. Ainda sobre essa matéria, o cronista Arnaldo Jabour faz um comentário sobre as atitudes de Lula na matéria, destrinchando-a de forma crítica.

### **Considerações finais**

Percebemos, ao final do estudo de recepção, que o *Jornal da Globo* produz, para a maioria dos discentes, um jornalismo de opinião. Mas não para todos eles. Alguns participantes do estudo interpretaram as matérias como se pertencessem apenas à categoria informativa, apesar de toda a reflexão – e discussão – acerca das reportagens e suas respectivas edições, assim como sobre o editorial, comentários e crônica veiculados.

Apesar da falta de uma análise crítica por parte dos discentes, partimos do pressuposto de que os receptores sejam sujeitos ativos, que aprimoram conhecimento a partir das informações veiculadas. Nesse contexto, entendemos que as relações existentes entre o telejornalismo produzido pelo *Jornal da Globo* e seus destinatários não podem ser vistas como passivas e indiferenciadas. Elas tendem a contribuir para transformar o conhecimento do espectador enquanto sujeito sócio-cultural na medida em que os alunos discutiram as informações veiculadas pelo noticiário. Tal proposição pôde ser comprovada a partir do estudo de recepção efetuado.

Nesse sentido, ao analisarmos os telejornais veiculados pelas emissoras de TV, percebemos que estes não podem ser taxados apenas como informativos ou opinativos, o que significa que as duas categorias são empregadas – o tempo todo, acrescentamos – em suas construções. Isso porque entendemos que, para opinar, é preciso, antes, informar. E, ao informar e selecionar o enfoque proposto para a construção de uma notícia, os editores já se utilizam de critérios próprios de seleção, o que transforma um



fato – na sua totalidade, no momento do acontecimento, imparcial – na produção de uma construção de realidade, já que esta será assistida a partir das “versões” de cada profissional que participou do seu processo de construção.

Dessa forma, dividir o gênero informativo nos 5 formatos existentes (nota, notícia, reportagem, entrevista, indicador e serviço) seria simplista demais, uma vez que entendemos que, a partir do momento da seleção do fato, que deve ser transformado em notícia, já exista algum critério (mesmo que subjetivo, arbitrário ou inconsciente) de “orientação”, fazendo com que a construção deixe de ser imparcial. Dito de outra forma, o processo de edição, assim como o enfoque do texto (proposto pelo pauteiro) e a apuração da matéria com a respectiva construção do texto (feita pelo repórter no momento da apuração) já propõem um direcionamento à notícia veiculada.

### **Referências Bibliográficas**

BUCCI, Eugênio.; KEHL, Maria Rita. Videologias: ensaios sobre televisão. São Paulo: Boitempo, 2004.

*JORNAL NACIONAL: A NOTÍCIA FAZ HISTÓRIA*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação e Jornalismo: a saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

PEREIRA JR., Alfredo Eurico Vizeu. *Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

REZENDE, Jorge Guilherme de. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.

VIZEU, Alfredo. *O lado oculto do telejornalismo*. Florianópolis: Calandra, 2005.

WOLTON, Dominique. *Elogio do grande público – Uma teoria crítica da televisão*. São Paulo: Ática, 2006

.